

## DUAS QUESTÕES EM DEBATE: O ALUNO-LEITOR CONTEMPORÂNEO E O CAMPO LITERATURA INFANTIL

Lauren Marchesano<sup>6</sup>

### Resumo

O foco deste artigo é a literatura infantil e a leitura literária para crianças. Ele discute os indícios da literatura infantil no Brasil e a função da literatura infantil no mundo contemporâneo, a partir dos estudos de Arroyo (2011), Candido (1999), Jauss (1979) e outros. Analisa-se o texto e a ilustração, de dois livros de literatura infantil, “O Praça Quinze” e “O coração de Corali”, apresentados por meio de um relato de experiência, a crianças de 9 e 10 anos. Mostra a recepção das crianças e os efeitos de compreensão produzidos por elas.

**Palavras-chave:** linguagem, leitura literária, estilo, narrativas contemporâneas

### Resumen

El objetivo de este artículo es la literatura infantil y la lectura literaria para niños. Se discute los indicios de la literatura infantil en Brasil y el papel de la literatura infantil en el mundo contemporáneo, a partir de los estudios de Arroyo (2011), Candido (1999), Jauss (1979) y otros. Se analiza el texto y la ilustración, dos libros de literatura infantil, “O Praça Quinze” y “O Coração de Corali”, presentados a través de un relato de experiencia, a niños de 9 y 10 años. Muestra la recepción de los niños y los efectos de la comprensión producidos por ellos.

**Palabras clave:** lenguaje, lectura literaria, estilo, narrativas contemporaneas

---

<sup>6</sup> Professora e Pedagoga. Cursa o doutorado na UFRJ – Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE). Contato: educacaolauren@gmail.com

### Pontuações preliminares

O presente artigo tem o objetivo de dialogar com duas questões escolhidas para o debate sobre a leitura literária. A primeira questão é apresentada por Arroyo (2011, p. 32): “como pode a criança criar sua própria literatura?”. Essa colocação sugere uma premissa para a experiência do leitor infantil que temos encontrado nos eventos de pesquisa de mestrado e, atualmente, de doutoramento em educação. A centralidade no sujeito que lê literatura e a criação pessoal de um olhar para esse material ficcional impõe uma problematização em direção à segunda questão: o campo da literatura infantil especificamente e os desdobramentos de um “estilo em literatura infantil”, em interface com a discussão oferecida por Lajolo e Zilberman (1986 p. 15-21). Segundo o enfoque das pesquisadoras, ao tratarmos de elementos para entendermos como as primeiras décadas republicanas assistiram à formação da literatura infantil brasileira na condição de gênero, precisamos tratar da hipótese de que o fortalecimento da escola enquanto instituição e as campanhas cívicas em prol da modernização da imagem do país podem ter fornecido as condições para sua gênese. Com isso, os mesmos fatores seriam responsáveis pelo lastro ideologicamente conservador dessa literatura.

Para conhecermos o escopo histórico da literatura e a formação da literatura infantil brasileira como gênero, a partir das pesquisas de Lajolo e Zilberman (1986), acompanhamos o estudo de Candido (1999, p. 28-52) sobre a configuração do sistema literário. O autor mapeia a gênese do gênero no Brasil para mostrar sua transformação histórica do século XVIII ao XX, como uma atividade regular de vários escritores que asseguram a referência à tradição local. Demarca, assim, os indícios dos movimentos culturais no país, no contexto do Brasil colônia quando, pela pena do jovem Feliciano Joaquim de Sousa Nunes, é publicado o único exemplar de *Discursos políticos morais*, no ano de 1758, em Lisboa; uma vez que, apenas em 1808, com a vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil, começou para nós a impressão de

livros. Por ordem do Governo, essa primícia editorial foi confiscada e destruída. Apesar do fim trágico, Candido nos revela que a tentativa insinuou o descontentamento do intelectual da Colônia e o desejo de que fosse reconhecida a expressão cultural do Brasil.

Por outro lado, a gênese da literatura infantil brasileira vincula-se às tentativas pioneiras de traduções nacionais, no fim do século XIX, como as de Carlos Jansen (v. “Carlos Jansen: Contos seletos das *Mil e uma noites*”, “Correspondência de Carlos Jansen”). Nesse período, em relação à linguagem, as contradições apontadas mostram de um lado uma literatura infantil preocupada com o destinatário criança. Por outro, o compromisso ideológico e escolar de cumprir a função de aperfeiçoar a língua pela apresentação dos bons textos.<sup>7</sup> Com essas referências, constatamos que a produção da literatura e a função da literatura infantil nascem de um esforço para deflagrar uma produção cultural nacional, quando vários elementos políticos e de ordem socioeconômica, com a abolição da escravatura e o advento da República, aliam-se para a tentativa de formação de um “perfil de modernização” no Brasil. Nesse cenário, o modelo capitalista cunhado da Europa exigia da economia brasileira um investimento político e cultural para a criação de um público consumidor de livros. Em decorrência, as iniciativas de intelectuais, políticos e educadores em prol das campanhas de alfabetização corroboraram para que a própria função de escritor abarcasse a de divulgador do discurso de um país comprometido com sua modernização.

Assim, indícios como o de Carlos Jansen, no final do século XIX, capturam o rastro ideológico da literatura infantil que nos interessa mencionar neste artigo. Esse marco de tradução nacional, no contexto precário e irregular de circulação de livros infantis de edições portuguesas, esclarece o viés conservador, apontado por Lajolo e Zilberman (1986, p. 15). Somando-se a ele, coletamos uma ampliação teórica para nossa pesquisa: “Na base da literatura infantil estará sempre, soberana, a literatura oral que a

---

<sup>7</sup> Cf. Lajolo e Zilberman, op. cit., p. 15-21.

antecede historicamente e a fundamenta tematicamente. ” (ARROYO, 2011, p. 29).

De alguma forma, essa síntese nos lança à tradição oral de muitos povos e culturas do Oriente, recolhidos por Charles Perrault, e materializados em seu livro, no século XVII, para a Europa Ocidental. A influência desse acervo europeu atingiu a base temática da literatura infantil brasileira e serviu à missão da incipiente indústria do livro infantil e didático, ocupada em traduzir pedagogicamente a ideologia nacionalista da transição entre séculos, como já situamos acima, em publicações literárias.

### **As narrativas e o leitor infantil**

O sentido da leitura literária que explicitaremos mais à frente, nas duas narrativas selecionadas, se articulam às concepções dialógicas e dialéticas, presentes no conteúdo e na forma ficcional literária, “como um produto da interação viva das forças sociais” (BAKHTIN, 1995, p. 66), onde a palavra do outro nos constitui e desloca sempre em alteridade para outros lugares de enunciação e sentido exotópico (o olhar de fora que só o outro pode dar); uma vez que a mediação literária pressupõe o dialogismo da criança com a literatura e da escola com os sentidos decorrentes dessa relação, sem perder de vista o contexto da cultura na qual estamos inseridos.

Nesse movimento, o aluno-leitor recebe e responde de forma muito singular às mediações do texto literário, evidenciando sua potência e experiência de sujeito para enfrentar desafios advindos desse encontro/confronto. A alteridade deflagrada na relação texto-leitor pode apontar para o aluno a dimensão dos eventos da existência e sugerir características antagônicas para ele narrar coletivamente o mundo contemporâneo. Nessa perspectiva, o sistema literário referendado em Candido (1999) apoia a justificativa de uma intenção e sentido ideológico para

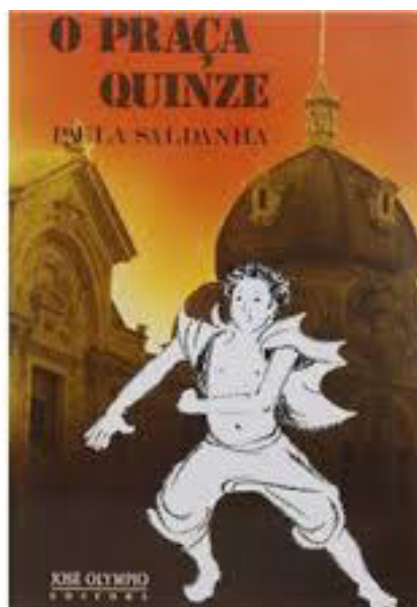
elaborar uma literatura para criança. Atualmente, contemplamos a produção de uma literatura concebida como um produto de mercado altamente especializado e rentável, de milhões de exemplares, com o objetivo de alcançar uma criança inserida no contexto mundial de grande ênfase hedonista, em que multifacetados feixes de sentido e linguagens disputam os discursos pela supremacia da constituição pueril.

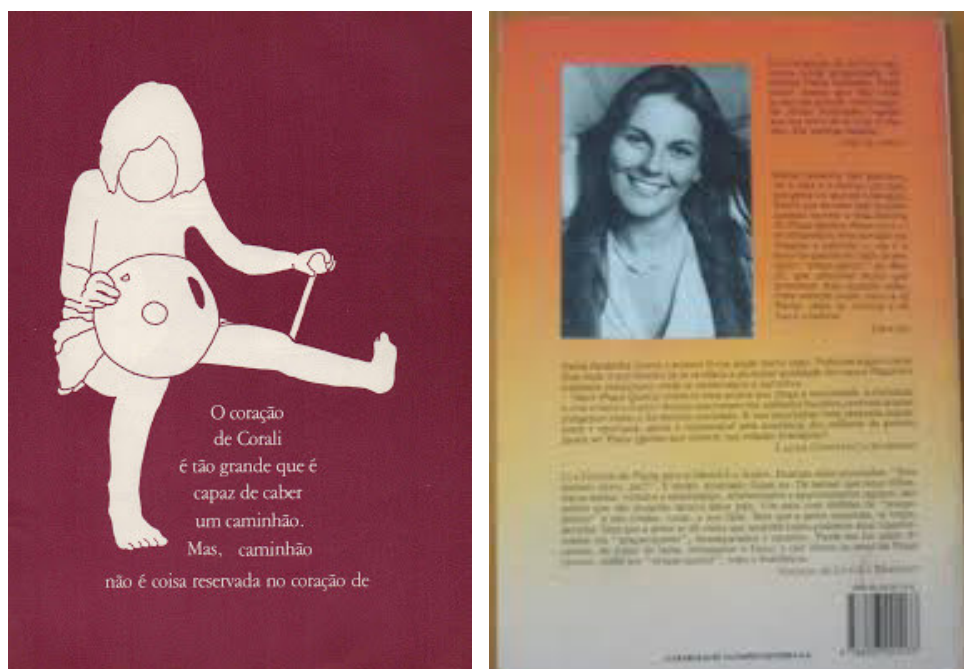
Demarcando essas duas abordagens, uma do leitor e a outra do campo da literatura infantil, pretendemos analisar comparativamente, a seguir, as marcas da narrativa contemporânea. O que nos interessa ressaltar neste momento, então, são algumas questões "da menina" e "do menino", em dois contextos literários opostos, mas diretamente dialógicos. A cena, para travarmos as considerações e assentar nosso olhar, é a própria literatura utilizada como estratégia discursiva, que teve lugar em um relato de experiência, onde palavra e imagem são abordadas como linguagem, por via da leitura compartilhada e ênfase na entonação/performance. O episódio ocorreu em uma sala de aula de uma escola pública, localizada em área urbana, no município de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro. Este relato compõe coleções profissionais de trabalho com a leitura literária, quando ainda e apenas professora, em sala de aula, no ensino fundamental público.

No dia da experiência literária em questão, o início da leitura confrontou-se com o barulho e resistência da turma de alunos do terceiro ano do ensino fundamental. Um território quase intransponível para o adulto-professor. Contudo, o envolvimento com a leitura proposta cresceu à medida da interface das crianças com as protagonistas. A convocação à partilha de sentimentos revelada nas narrativas, por meio das ilustrações, inclusive, gerou movimentos na turma. No primeiro momento, a força da oralidade "capturou" o ouvido das crianças para os textos e, posteriormente, a aproximação e a recepção dos alunos ao discurso ficcional, conduziu a turma a falar de dramas da vida de alguns, situados em contextos antagônicos (família/rua; escola/casa; escola/rua). O papel da família, da mulher, do

homem, da criança foi contemplado no enfrentamento das narrativas; cada uma a seu tempo; umas vezes, em confronto, outras em consenso, em grande parte em movimento de escuta para o diálogo, inclusive com as ressonâncias imprevisíveis da nossa emoção e dos “delicados fios de sentido” ofertados por uma voz aqui, uma respiração e interjeição ali: tons e sons na trama da linguagem teciam novos sentidos com a voz do leitor em sala de aula, como apresentaremos na seção a seguir.

### A recepção e o diálogo entre livros e leitores





Nos livros acima, *O coração de Corali*,<sup>8</sup> de Eliane Ganem (1999), e *O Praça Quinze*,<sup>9</sup> de Paula Saldanha (1985), ambos originalmente lançados pela Editora José Olympio, procuramos analisar comparativamente as marcas da narrativa contemporânea: a polissemia do texto, a flexibilidade do narrador, a impressão sinestésica, utilizando como instrumental teórico a Estética da Recepção (JAUSS, 1979).

A autora e ilustradora, da obra *O Praça Quinze*, Paula Saldanha, apresenta na abertura da narrativa, a localização geográfica do menino: “Ele vivia aqui, bem no centro dessa cidade grande...” Esse menino não é identificado pelo que é e sim por “onde está”. A técnica de inversão temporal, ou seja, as consequências da ação são conhecidas antes das suas causas, cria envolvimento e expectativa no leitor. Essa primeira cena, com descrição econômica do *locus* de existência e ambientação do menino na Praça Quinze de Novembro, no centro da metrópole Rio de Janeiro, dá-nos a visão desse sujeito-menino que ali vivia. As ricas impressões sinestésicas criadas pelas imagens colocam os leitores do 3º ano *dentro da praça*. O modo de vida do

<sup>8</sup> Imagem. Disponível em: <http://contoseuconto.blogspot.com.br/2013/03/dica-de-livro-infantil-o-coracao-de.html> Acesso em: 12 ago. 2013.

<sup>9</sup> Imagem. Disponível em: <https://www.google.com/weblivro+o+pra%C3%A7a+quinze>. Acesso em: 12 ago. 2013.

"Praça Quinze" vendendo amendoim evidencia para os leitores que esse menino não escolheu sua trajetória. A pergunta sobre quem ele é, de onde veio, permanece oculta e presa ao suspense do tempo ficcional da narrativa. Respondê-la exigirá a contínua leitura de desvelamento, página a página, sem negar o percurso diante da literatura para apropriar-se do processo de constituição da experiência de leitor.

No desenvolvimento da história, descobrimos a ilha de Paquetá, na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, como referência de nascimento, contato sociocultural com o mundo e moradia. A vida difícil "na casinha de madeira" com a mãe e o irmão menor sugere a miséria de uma sociedade excludente. "Como chegou às ruas?". Um aluno da turma quer saber. Diante da pobreza, a saída da família é enviá-lo a um reformatório no Rio de Janeiro. Nesse lugar recebe frieza e maus-tratos. A fuga necessária impulsiona-o a escapar para as ruas "se virando pra juntar uns trocados" (p.46). Na próxima página, logo ficamos sabendo que idas e fugas se seguirão à tentativa desesperada de resgatar sua identidade e espaço de vida em Paquetá ao lado da mãe e do irmão, sua família. O patrão da mãe, o doutor, é o agente da exclusão social do menino. Pela idade (aproximadamente 10 anos), o menino "não foi aceito pelos donos da casa" (p. 48), onde a mãe arranhou emprego para suprir sua subsistência.

Apesar de "ir ficando na praça" e descobrir-se menino "na rua", com novos parceiros, o garoto joga com seu drama de exclusão e abandono, criando uma conduta lúdica para driblar o caos (interno e externo) em que foi colocado. Lemos: "Era invocado. Perguntava se as pessoas podiam "inteirar" sua passagem. Mas perguntava só. Não pedia esmola não" (p.15).

A invenção dos mergulhos no cais são manifestações do menino na rua que não deixou de ser criança com fantasias, sonhos e desejos. Paula Saldanha, repórter conhecida na mídia televisiva, descreve esse garoto com



um olhar sensível – menino real entrevistado por ela durante uma reportagem para televisão sobre crianças de orfanatos.<sup>10</sup>

O lugar do menino é ampliado pela leitura atenta às marcas estilísticas da escrita contemporânea, com vistas à experiência estética dos leitores, como defendemos, “na sintonia com seu efeito estético, isto é, na compreensão fruidora e na fruição compreensiva” (JAUSS, 1979, p. 46): despojamento da linguagem estruturada; economia vocabular; enfoque realista e problematizador das questões sociais; não linearidade narrativa; expectativa ficcional para enredar o leitor à trama; espaços vazios para preenchimento do sujeito-leitor-receptor ocupar; temática subjetiva reveladora dos dramas contemporâneos de uma civilização tecnológica, programada e distanciada do tratamento de temas literários da condição humana *mais amarga*.<sup>11</sup>

Os espaços vazios deixados para o leitor ocupar proporcionam efeitos de estranhamento necessários à vida urbana de muitos outros meninos e meninas, “Praça Quinze”, deste país. Com isso, a convocação sugerida pela práxis estética em suas três funções básicas: produtiva, receptiva e comunicativa, lança nosso olhar para as relações dialógicas entre a experiência estética e as outras áreas de significação da realidade cotidiana (cf. JAUSS, op. cit., p. 45). Trazem também para a escola o constrangimento moral e social de milhões de crianças “improdutivas” (segundo a lógica do capitalismo), pela opressão econômica e excludente decorrente da miséria e empobrecimento cultural. Neste momento, as vozes dos leitores do terceiro ano soam nos entremeios ficcionais dando corpo aos sentidos e aos temas latentes das suas próprias experiências cotidianas, como pontuamos ao tratar da criação literária pela criança. A tematização revelada pelas crianças sobre o lugar onde vivem, como convivem em casa e se sentem com a mãe e o pai, o que criam quando estão na rua e na escola, aparece como um plano

---

<sup>10</sup> No prefácio do livro a autora revela como encontrou o menino Praça Quinze.

<sup>11</sup> QUEIRÓS, B. C. de. *Vermelho amargo*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

para os desdobramentos que, daqui para frente, transbordarão nas conversas: ressonâncias deflagradas...

Dialogando com esse contexto existencial legítimo, do menino "Praça Quinze", entra em cena Corali, personagem de Eliane Ganem. Menina de classe média, desenvolve sua busca subjetiva a partir de um *espaço no coração*.

Mas mesmo com esse mundo de gente dentro do coração, ainda sobrava espaço. E o espaço, Corali não sabia porque, tinha mais é cara de buraco. Um buraco vazio no fundo do peito. Corali sentia que faltava alguma coisa (GANEM, 1999, p. 4).

Mesmo com o espaço interno da casa preenchido pela sua família, ao contrário do "Praça Quinze", a menina Corali revela a angústia sufocante e perturbadora de seu coração cheio, mas ainda vazio. A família consciente da questão se reúne e coloca em pauta o coração de Corali e seu problema. Sugere, com essa atitude, o desejo de protegê-la de um enfrentamento iminente e previsto para ela e para todas as crianças: a transição subjetiva da infância e as angustiantes dúvidas (e dores!) que essa tarefa sugere para a condição humana. O confronto humano de Corali é abreviado, mas não impedido pela família. A personagem-menina não aceita mais os consolos da primeira infância. O jogo de linguagem é transbordante de significados para o leitor enredado atravessar com sutileza a busca subjetiva da criança, menina e menino, em direção ao crescimento.

As duas existências dialogam na trama das narrativas realistas e produzem uma recepção de surpresa e identificação pessoal e social com a estética literária, que confere verossimilhança ao diálogo com episódios de vida das crianças em sala de aula. Com isso, os leitores inquietos, que estão na cena da leitura, expressam sentimentos, dialogam e "entram na trama" com as personagens. E o literário vem à tona como uma inferência cruzada com o sentido da vida ou a própria vida sentida?

As histórias, embora em contextos antagônicos, convocam os alunos reais que dialogam em sala, à relação reflexiva sobre as questões internas e externas à vida da criança, futuro adolescente, no âmbito das desigualdades sociais. O leitor implícito, presente nas obras, não cumpre o mascaramento ideológico e intencional reconhecido em alguns livros de literatura. Pelo contrário, os sentimentos das personagens deflagram a temática existencial. As autoras Paula Saldanha e Eliane Ganem não ofuscam o drama pungente vivido pelas crianças, mas assumem uma estilística adequada à tensão dramática dos dias atuais em que crianças e adolescentes são exterminados nas ruas, e outros encontram a morte, por causas diversas, cada vez mais amplificadas pela mídia.

Apesar de toda frieza, de todo mau-trato (aquele reformatório sugando sua vida) Praça Quinze sentia por dentro um cheiro de mato, um gosto de folha, uma vontade de correr, explodir. E sentia o coração disparar (SALDANHA, 1985, p. 35).

Mas, ninguém deixava ela falar. Gente grande, às vezes, acha que gente pequena não tem opinião. Queriam resolver a todo custo o problema. E acabaram não resolvendo nada. Só fizeram com ela o que cada um achava (GANEM, 1999, p. 6).

A enunciação “gente grande” sugere uma relação não autêntica com as crianças. Contudo, Corali e Praça Quinze captam a limitação pseudoprotetora do adulto e instigam a manifestação de pensamentos, sentimentos e nova empatia com a dupla no drama ficcional.

Pra falar a verdade, a vida de Corali piorou muito depois da reunião da família. (...) Um inferno! E o buraco lá. Parecia até que tinha aumentado. O coração doía, às vezes, de tristeza por ter agora que ficar tapando o espaço que antes já estava cheio, e que de vez em quando esvaziava quando ela ficava com raiva da mãe, do pai, do avô, de quem ela gostava (GANEM, 1999, p. 9).

Ao assumir suas necessidades e rejeitar as falsas soluções dos adultos, Corali e "Praça Quinze" persistem na busca. Corali encontra na interlocução com a "tia gorda" o lugar de cumplicidade para ser ouvida (GANEM, 1999, p. 18). Praça Quinze sai de Paquetá e encontra o pânico, a indiferença e a violência física do reformatório.<sup>12</sup>

A "tia gorda" inventaria o problema abrindo espaço para Corali se apresentar como criança, com sua voz e sentimentos. A essa altura da leitura compartilhada, pela primeira vez, Eliane Ganem demarca com diálogos a enunciação da menina. A presença da tia cria uma nova cena, repleta de estilo, que dá força aos significados de aproximação do leitor com a questão que perseguimos: a criação e, talvez, a apropriação pela criança da função literária (ARROYO, 2011, p. 32). Como possibilitar esse processo sem a leitura e a mediação de muitos textos?

Na história de Corali, as ilustrações assinadas por Elvira Vigna cumprem a função de inquietar o leitor e atender a defesa de um “estilo em literatura infantil concreto, com uma economia verbal capaz de tornar visual a cena e o tema focalizados” (ARROYO, 2011, p. 34). As cores brancas dos desenhos vazados em vermelho intenso conferem à história um tom vivo, aflito e refletem o signo do vazio, o buraco do coração de Corali, em forma, cor e originalidade.

Dialogando com as ilustrações de Elvira Vigna, Paula Saldanha, autora e ilustradora, também elabora, para seu texto, desenhos em grafite impactando o leitor com o negro dos traços e o branco chapado das folhas. Uma estética em preto e branco, para a realidade nua e crua, que também casa com a forma intrínseca do texto do menino pobre e abandonado.

As configurações de texto, forma e cor das ilustrações dirigem a cena final. Após conseguir falar e ser ouvida, Corali demonstra preencher sua

---

<sup>12</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/paula-saldanha.htm>. Acesso: 11 ago. 2013.

questão interior com um olhar endereçado à tia. A cena posterior será descobrir, pela relação dialógica com ela, que todo mundo tem um buraco dentro de si. O despojamento da tia aponta uma crítica à pedagogia do falseamento/impostura do escritor de literatura infantil, muito difundida nos espaços educativos pelo chavão "criança não entende certas coisas". Enquanto isso "Praça Quinze" não pode retornar à família e, por conta dessa interdição, não vive um "final feliz". No desfecho das duas narrativas, há diferenciação da menina e do menino atravessando a transição da infância para a adolescência, em meio aos conflitos inerentes às etapas de constituição humana. A personagem menina, mais plena e o menino, mais vazio.

### **Inconclusões**

Ao longo do artigo, buscamos mostrar sinteticamente a relevância da compreensão da gênese do gênero literatura infantil em interface com o conhecimento da sua história e do sistema literário nacional. Além disso, situamos a discussão do estilo em literatura infantil a partir de um relato de experiência de leitura compartilhada, em uma turma de 3º ano de escolaridade, de duas publicações da década de 80, que permanecem atuais.

Os resultados do relato de experiências apontam a produtividade da metodologia da leitura literária compartilhada com os alunos em sala de aula, porque ela atraiu e enredou o leitor no processo de mediação literária; gerou uma aproximação com a voz dos protagonistas, o que trouxe a lume a possibilidade latente de recepção com o sentido literário, em interface com a voz/autoria do leitor do 3º ano de escolaridade, para provocar, neste contexto de ensino, o debate sobre a centralidade do leitor contemporâneo e os desdobramentos do campo literatura infantil, conforme anunciamos. Além disso, endossou o permanente desafio teórico-metodológico de realizar

leituras literárias na perspectiva das demandas que emergem dos desejos infantis, sem a obrigatoriedade e a imposição utilitarista de “ler para fazer”. Na perspectiva da Estética da Recepção, acentuamos a compreensão fruidora e a fruição compreensiva, sem perder de vista as ênfases em disputa de produção e circulação atual de literatura distribuída no Brasil pelo PNBE.<sup>13</sup>

Reforçamos nosso interesse e desafio interrogando e pesquisando o sistema histórico-literário para a ampliação dos espaços discursivos na escola de crianças, com a intenção de fomentar uma mediação literária para a constituição da experiência do leitor infantil, sem exigir do aluno a propagação de uma “ideologia de massas”, atrelada à passividade do pensamento e à baixa relação dialógica com o texto literário. Ao contrário, postulamos a ênfase na mediação e leitura literária para privilegiar o efeito de enraizamento que a Estética da Recepção também pode oferecer ao leitor inserido em contextos socioeconômicos desafiantes, como os dos personagens ficcionais.

Em coerência com esse princípio, parece-nos necessário refletir criticamente com os autores alencados neste artigo, o estilo e a função da literatura infantil, sempre em interface com o conteúdo e a forma do produto-livro, em sua materialidade estética e meio estratégico, para favorecer a experiência constitutiva do aluno-leitor, com vistas à transformação da condição humana e sustentação da autonomia crítica de pensamento.

Defendemos o pensamento de que a própria literatura oferece seus caminhos de travessia e experientiação do sentido nos intercursos existenciais, surge desse próprio deslocamento as seguintes questões: - Como

---

<sup>13</sup> O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), desenvolvido desde 1997, tem o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola-consultas/item/3982-edital-pnbe-2014>. Acesso em: 15 maio 2013.

a criança pode criar sua própria literatura no sentido da autoria crítica de seu pensamento e linguagem, como sugerida pelas personagens Corali e “Praça Quinze?” Haveria a possibilidade de ensaiar uma mediação que otimizasse a relação leitor e texto do gênero literatura infantil condicionada à variação do sistema literário-ideológico contemporâneo? Por fim: - Que espécie de literatura infantil tem chegado às escolas públicas e por que vias se proporciona a apropriação das mesmas pelos alunos? O debate continua...

### Referências

ARROYO, L. *Literatura infantil brasileira*. 3ed. rev. e ampliada. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 11-41.

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. 7ed. Prefácio de Roman Jakobson. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1995.

CANDIDO, A. *Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes*. 3d. São Paulo: Humanitas/FFLCM/USP, 1999.

GANEM, E. *O Coração de Corali*. 14ed. Ilustrações de Elvira Vigna. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

JAUSS, H. R. A Estética da Recepção: colocações gerais. In: JAUSS et al. *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 43-61.

SALDANHA, P. *O Praça Quinze*. 3ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

SILVA, V. M. de A. e. *Teoria da literatura*. Rio de Janeiro: Livraria Martins Fontes, 1976, p. 21-78; 555-573.

ZILBERMAN, R. e LAJOLO, M. A formação da literatura infantil brasileira (1890-1920). In: *Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos*. São Paulo: Global, 1986, p. 15-55.